

Ser torcedor no Rio de Janeiro: Um estudo psicossocial sobre a Loucos pelo Botafogo

Cristal Moniz de Aragão

Este trabalho é um recorte de tese de doutorado que se ocupou de trabalhar discursos, práticas e representações dos torcedores que frequentam estádios no Rio de Janeiro no contexto de transformações vividas pela cidade hoje. Como referencial teórico foi adotada a teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 1978) e uma metodologia de acompanhamento de processos em curso (KASTRUP, 2009) para realização da pesquisa. Foram contabilizadas 44 entrevistas semiestruturadas com frequentadores dos jogos do Botafogo F. R. no estádio Engenhão, além de outras conversas informais não registradas. A amostra selecionada ouviu torcedores da Fúria Jovem do Botafogo (FJB), Loucos pelo Botafogo (LBP) e torcedores não associados. Dessa maneira, foram contemplados modelos distintos de torcidas, a serem melhor discutidos abaixo, assim como divisões de faixa etária e de gênero. O trabalho de campo contou também com observações participantes das experiências torcedoras e produção de diários de campo, além de fotos, vídeos, coleta de material de imprensa e redes sociais, principalmente ao longo do ano de 2011. É preciso ressaltar ainda que a tese foi produzida a partir do campo da psicologia social, o que traz um viés particular para a discussão nela travada.

Neste capítulo, o objetivo é expor o debate sobre os sentidos atribuídos a uma das organizações estudadas, a torcida Loucos pelo Botafogo (LPB), fundamentando também a forma de construção da abordagem das torcidas de futebol a partir de uma psicologia social. Este texto conta com trechos de entrevistas realizadas com os torcedores, que aparecem em itálico.

A psicologia social entre indivíduos, grupos e sociedade

Nas visitas aos estádios, a questão indivíduo/grupo/sociedade se coloca de maneira incisiva ao contemplar as torcidas de futebol na medida em que as fronteiras entre elas estão postas e permanecem oscilando. As entrevistas realizadas na pesquisa, principalmente com torcedores que compõem organizações dedicadas ao torcer, reforçaram a possibilidade de divergência das maneiras de conceber a presença no

estádio. Se colocar ora como indivíduo ora como grupo, destaca configurações subjetivas que emergem do contato com essa condição assumindo um papel importante:

Eu sozinha, F., eu não consigo mudar nada, mas a torcida, assim, em si, eu acho que pode sim apoiar o time, estar aplaudindo aquele jogador, mesmo ele errando às vezes. Assim, dando uma oportunidade para ele, porque todo mundo erra, na sua profissão assim. Algumas vezes não sai como a gente quer. Eu acho que apoiando o time (...) eu acho que tem como mudar sim, mudar, incentivar, estar ali, eu acho que faz toda a diferença. (F., sexo feminino, torcedora Loucos pelo Botafogo).

A fala acima demonstra naturezas e funções a serem assumidas a partir de uma ou outra constituição, discutindo a capacidade de mobilização coletiva colocada como protagonista. Ser parte ou compor o grupo diz respeito a um estado diferente em relação à vida comum, marcando a força do engajamento. Mais do que isso, o corte qualitativo proporcionado pela experiência de grupo possibilita a emergência de outras configurações subjetivas nesse processo:

É muito espontâneo. Eu acho que é um momento (...) Eu acho que o legal do futebol é que é um momento que é totalmente você. O mais legal é você ver que tem outra pessoa que não é você. Por que assim, você... Você vê o jogo em casa e vai sair gritando que nem uma louca, louca! Tá em casa aí tua mãe fala, tua sobrinha quer dormir, teu (...) Sabe, tá todo mundo, tipo, cara: “maluca!”. No estádio aquilo é totalmente normal, então você pode fazer tudo que tem vontade que poucas coisas não vão ser consideradas... Até quando não é normal a gente fala rindo, tipo essa garota que eu falei: “que garota surtada!” Ela corria, subia, ela abaixava, “que garota surtada!” Mas até isso, tipo, “tá valendo”, entendeu? É meio uma coisa que vale tudo, vale chorar... (L, sexo feminino, jovem, torcedora LPB).

L. demonstra a criação de outras identidades no engajamento, vindo surgir um eu marcadamente diferente daquele que figura na experiência cotidiana, ganhando algum grau de estranhamento de si. No campo psicológico, a discussão sobre identidade é subvertida como fruto da presença em espaços determinados pelo contexto – estar no estádio torna comportamentos mais os menos adequados, assim como os limites de definição de si, fazendo pensar sobre as definições de personalidade e da estabilidade como critério da identidade. A suspensão de regras cotidianas confere margem para liberdade de atuação.

Essas falas apresentam, do ponto de vista psicológico, questões sobre os limites de constituição de grupamentos e de seu correlato posicionamento como ser individuado, destacado do mesmo. A zona de indefinições é narrada como uma das

maneiras de promover relação de pessoas diferentes nos estádios. Importante ressaltar que as situações descritas não se colocam como rotina na vida dos frequentadores de estádio, são dependentes do de grande mobilização num jogo.

A excepcionalidade da experiência coloca em cheque olhares unificadores comumente utilizados para entender indivíduos e grupos nas torcidas de futebol. A presença neste espaço ressalta seu lugar de compartilhamento, misturando identidades e atravessamentos. São engendrados focos atencionais (KASTRUP, 2009) na narração e possibilidade de ação e influência dos personagens: o jogo de identidades desafia as dicotomias, promovendo outras produções de grupos e sujeitos.

Assim, a aposta na psicologia social remete aos muitos vetores que atravessam indivíduos e instituições, tangíveis ou não, e questionam os limites da construção identitária. O retrato tensionado é construído também pela utilização da teoria das representações sociais, que comparece para pensar o conjunto de crenças, mitos, opiniões e contextos que balizam o erigir e transformar das realidades sociais edificadas por nós e para nós (MOSCOVICI, 1978). Uma representação social é uma maneira de interpretar e de pensar a realidade cotidiana a partir de códigos construídos e partilhados socialmente, surgindo como guia de compreensão e de comportamento na sociedade, uma modalidade de conhecimento prático.

A torcida Loucos pelo Botafogo

Existe uma tipologia que define o perfil e os modos de atuação das organizações dedicadas ao torcer, como discutem os trabalhos de Teixeira (2003), Hollanda (2008) e Trindade (2010). Essas definições não se restringem à bibliografia, aparecendo também ao longo das entrevistas realizadas com os torcedores. De forma simplista, existe um discurso sobre as torcidas jovens, ou de pista, compostas principalmente por jovens e relacionadas à lógica do enfrentamento, da disposição para o confronto e a guerra, seja real ou imaginária (TEIXEIRA, 2003); torcidas chopp, resultantes do encontro de pessoas mais velhas, lastreadas principalmente nos valores da sociabilidade; torcidas ligadas aos movimentos atuais, que podem ter existência mais ou menos duradoura, como o caso da Fogospel, próxima das práticas dos evangélicos; e ainda, torcidas de alento, barras ou movimentos, além de outros movimentos menores.

A Loucos pelo Botafogo (LPB) pode ser definida como uma torcida de alento que surge em 2006 a partir da iniciativa de jovens partidários do time, alguns oriundos da Torcida Jovem do Botafogo (TJB). Para a criação da mesma, se inspiraram no modelo de barra-brava¹, de origem latino-americana, que não interrompe os cantos de incentivo ao longo do jogo, mantendo-se em pé no estádio. Recusam-se a valorizar condutas individuais, focando no coletivo de jogadores, compreendendo-os como representantes do time, algo que transcende esses profissionais no contexto do futebol espetacularizado (DAMO, 2005). Com o objetivo de procurar diferenciar-se de outras organizações, na medida em que não respondem violentamente às ações a ela direcionadas, prezam pela manutenção da ordem embasada na doação e apoio ao clube (TRINDADE, 2010). Seus modelos de atuação e discurso, em geral, se colocam na direção contrária do que acontece nas torcidas jovens. Essa tentativa contínua de buscar diferenciação trouxe um debate sobre a alcunha que poderiam receber – se torcida organizada, se movimento –, atitude que expressa uma busca por estabelecer uma identidade bem delimitada em relação à representação hegemônica² de torcida organizada associada principalmente à violência (TRINDADE, 2010).

Como tentativa de pensar uma alternativa aos modelos das torcidas jovens, muito pressionadas pelo contexto, a década de 2000 viu a criação de novos movimentos baseados em valores diferentes (HOLLANDA, 2010; TEIXEIRA, 2010; TRINDADE, 2010), as torcidas de alento ou barras-bravas. Organizações com formatos semelhantes são constituídas em clubes do Rio de Janeiro, no ano de 2006: Loucos pelo Botafogo (Botafogo), Guerreiros do Almirante (Vasco), Legião Tricolor (Fluminense) e Urubuzada (Flamengo).

É assim, é mesmo um bando de malucos porque a gente não tem nenhum fim lucrativo com a torcida, a gente não ganha nenhum dinheiro em prol do Botafogo. Fora isso a gente chega cedo, luta, investe. (...) A torcida Loucos pelo Botafogo, como algumas torcidas também por afora, torcida do Grêmio, torcida GDA [Guerreiros do Almirante] do Vasco também, vem para fazer festa, né? Vem para fazer o diferencial, realmente mudar essa cultura e forma de torcer pelo Botafogo. A ideia é essa, a gente acabar com essa (...),

¹ As barras-bravas são um tipo de torcida de futebol típico da América do Sul, caracterizada pelo incentivo permanente durante o jogo, pela manifestação por música principalmente (TRINDADE, 2010).

² No escopo da teoria das representações sociais, as representações hegemônicas podem ser definidas como a uma visão generalizada e amplamente propagada em diferentes grupos sociais que componham um todo organizado como um país, um partido político ou um time, com diferentes graus de adesão numa sociedade.

visual de porrada, e mostrar o visual realmente, a beleza da torcida, que é torcer pro seu clube independente da razão que ele esteja. E estar sempre presente. (C, sexo masculino, jovem, torcedor LPB).

A novidade que tentam implantar é marcada nas falas dos participantes, buscando instituir um marco que dispararia a mudança da cultura torcedora associada às torcidas organizadas, como expressam as frases acima. A menção a movimentos semelhantes expressa a proximidade entre elas. Este fenômeno pode ser entendido como contraponto ao modelo das torcidas jovens, que costumam projetar um esquema de alianças para fora do local de origem, estabelecendo um rol de aliadas e de inimigos para fortalecer ou atacar nas excursões para outras cidades (TEIXEIRA, 2003). Nesse novo esquema, não existe a busca por fazer alianças, pois elas significam também compor as inimizades.

Em sua performance no estádio, a atuação dos partidários da LPB é mediada pela adoção de faixas, barras, e bandeiras de múltiplos tamanhos – que significa a expressão de atividade e visibilidade efetiva de pessoas de compleições físicas e idades distintas, incluindo crianças, e não apenas aqueles capazes de bandeirar um mastro grande, como nos modelos das torcidas organizadas tradicionais³.

Este modelo de torcida também está mais afinado com as exigências que recaem hoje sobre os torcedores. Ao pregar explicitamente a não violência, a busca é por abrir um flanco de combate à representação hegemônica do torcedor organizado, marcando uma divisão básica entre os modelos de práticas de torcedores. Como uma nova proposta, inicialmente foi aproximada a significações já existentes:

Porque num primeiro momento foi até chacoteado, as pessoas inventaram que tava imitando argentino, que era isso, que era aquilo, e que por falta de (...) vamo botar assim: uma ignorância sobre o assunto. (...) Então esse termo barra-brava foi só no momento para tirar aquela coisa marginalizada que eram as torcidas, a gente não queria ser visto como marginal, de briga, disso daquilo, então precisou ter um novo contexto pra que as pessoas entendessem com o tempo o quê que tava acontecendo ali. (R, sexo masculino, jovem, torcedor LPB).

³Ainda que sejam nomeações passíveis de discussão, serão adotadas, a fim de estabelecer diferenciações, a alcinha de **torcidas organizadas tradicionais** e **novos modelos/novas organizações de torcida** para diferenciar as práticas aqui discutidas.

A ancoragem, na teoria das representações sociais, é um movimento que remete à tentativa de significação de um novo objeto social integrando-o no rol de sentidos já disponíveis numa sociedade (MOSCOVICI, 1978) na medida da necessidade de compreensão do objeto, o esforço é de encontrar um lugar em que ele possa se assentar entre outras significações já existentes, torná-lo algo mais concreto (MOSCOVICI, 1978). Assim, acionar o sentido de ser uma barra-brava diz respeito a atuar no estádio cantando sem parar, obedecendo à proposta de uma torcida de alento, mas pode significar também ser estrangeiro, e estar associado a práticas violentas em seus países de origem. Ser barra-brava, aponta portanto para uma multiplicidade de significações e dentre todas essas, apenas algumas interessam e são investidas pelos membros da LPB a fim de marcar outras práticas: esta é a materialização da objetivação. Ao trazer o sentido de barra-brava à cena, busca-se criar um terreno para facilitar a assimilação da novidade, embora acione também outros sentidos, como apresenta o trecho acima.

A presença dessas torcidas se coloca como uma resposta diferenciada ao contexto, que tem exercido pressão sobre as formas de comportamento dos grupos torcedores. O maior sintoma do cerceamento a que estão submetidas as organizações dedicadas ao torcer hoje está materializado no estatuto do torcedor, de 2003 (CURI et. al, 2008). Trata-se de um documento que visa regular as atividades dos torcedores, estabelecendo direitos e deveres para os presentes no estádio. A base de sua construção é o estatuto do consumidor, desenhando a presença no estádio como um produto a ser consumido por um indivíduo. A dimensão coletiva e a compreensão ativa do sujeito como alguém que participa – e não apenas assiste – desaparece, dando lugar ao entretenimento e produto adquirido numa lógica de mercado. Essa forma de delinear a presença nas arquibancadas contribui para práticas individualistas e descoladas do coletivo, que visam controlar os movimentos de multidão e a violência a que estão supostamente associados.

Assim, é possível supor que o surgimento desses movimentos desorganiza o campo em certa medida, dificultando criar um conceito que abarque as múltiplas práticas e os limites entre as propostas, além das interações entre elas. Trata-se de uma novidade que não faz parte apenas da comunicação verbal, mas traz mudanças às práticas significantes previamente estabelecidas no torcer. Hollanda (2010) e Teixeira

(2010) problematizam a criação dos novos modelos de torcida como resultado do projeto de remodelação das formas de atuação dos torcedores, no esquema das pressões que o contexto tem infligido. Elas assumem uma função ambígua, pois ao trazer movimento para o cenário tanto trabalham para produzir formas de torcer mais adaptadas às exigências atuais, dentro de um novo projeto pedagógico e político de tratamento dos torcedores, como estão sujeitas aos controles exercidos sobre elas que não enxergam nuances: todas caem nas malhas da representação hegemônica, ligada à violência.

Esse panorama diz respeito ao investimento em estratégias de controle e de individualização de condutas e práticas dos cidadãos atualmente. Estes mecanismos têm estado especialmente presentes no momento atual do Rio de Janeiro, que vive uma grande reforma urbana justificada pela realização de grandes eventos na cidade, como a Copa do Mundo FIFA de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Esses eventos interferem na construção da representação da torcida. Pude perceber o indício de uma mudança que apontava para um maior investimento para a criação de uma marca na LPB que ganhava forma já em 2011. O principal deles foi uma reunião realizada na sede do clube do Botafogo F. R. em abril, com os membros, que buscava decidir as estratégias futuras a serem adotadas, calcadas principalmente no dilema entre insistir no amadorismo como valor ou escolher um projeto maior, com vistas a alugar uma sede e fidelizar maior número de membros para que o funcionamento do grupo não dependesse mais de pessoas específicas.

Todas as músicas [da LPB] tem uma letra com... indicando amor ao clube. Até com ironia em alguns momentos, mas sempre exaltando o clube e que faz com que qualquer torcida do Botafogo possa cantar essas músicas, que não só exalta a Loucos, e sim o clube. Essa até é uma característica da barra, que é exaltar o clube, mais do que exaltar a torcida, que é diferente das torcidas tradicionais que de repente exaltam mais a torcida do que o clube. E aí algumas adaptações foram feitas ao longo do caminho, do tipo é (...) Fazer camisa no nome da Loucos. Isso foi feito porque? Única e exclusivamente pra arrecadar, porque como era no início eram 20, 30 que não tinham muita responsabilidade, as festas eram menores. Hoje em dia há uma cobrança, a festa tem que tá na excelência, top de linha, uma festa linda e as pessoas te cobram. Você tem que viajar, tá em todo estádio, em outros estados do Brasil, que é um país continental. Então a cobrança, você precisa fazer dinheiro e a gente teve uma opção: nós podemos fazer dinheiro vendendo material, porém reduzido: nós fizemos um limite de camisas onde se vendia, porém não se uniformizava a torcida. (R, sexo masculino, jovem, torcedor LPB)

O trabalho de Trindade (2010) mostra a LPB retratada efetivamente como um movimento, em clara oposição à terminologia de torcida organizada, que carregaria o peso de uma marginalização, como discutido algumas linhas atrás. Na entrevista realizada com um dos líderes da organização – não formal, naquele momento –, em fevereiro de 2011, o discurso remetia à proposta pautada como uma minoria ativa⁴, assumindo uma postura sólida diante de confronto com ideias majoritárias e buscando coerência entre atuações e as novas ideias que veiculam. Naquele momento não existia associação formal à torcida, pela via de cadastros e carteirinhas de identificação ou papéis demarcados de funções atribuídas a uma ou outra pessoa. Esse esquema dificultava a regularidade da presença organizada no estádio. Na mencionada reunião de abril de 2011 começaram a se desenhar mais especificamente *ações de marketing* que pudessem investir na marca da torcida e provê-la de maior organização interna.

Nos jogos têm os quiosques das torcidas que vendem seus produtos, nós não. Então eu acho que a gente precisa desse tipo de coisa, isso faz com que cresça, a criança de (...) Criança ou adolescente, o cara chega lá, vai ao estádio, vê a Loucos cantando o tempo todo, fazendo a sua festa, o cara olha para aquilo e diz: “Pô, legal, eu quero isso.” e como é que ele vai fazer parte? Como é que ele se identifica? A torcida organizada, como qualquer grupo social, ela tem as suas identificações. E o que identifica o torcedor de um clube? A camisa, ou qualquer coisa do clube. O que identifica o torcedor organizado é exatamente o material da torcida, coisa que a gente não tem. Então eu acho que essa estruturação, essa tendência da organização da sede, essa questão das rifas, de arrecadar fundos para tentar um crescimento, faz parte desse processo, o qual eu defendo, e o qual eu acho que tem tudo para dar certo. (S, sexo masculino, jovem, torcedor LPB).

O crescimento foi compreendido como um movimento natural na busca por uma maior organização, lastreada num espaço físico próprio e na divisão das responsabilidades ao embarcar num projeto que deixaria o caráter de voluntariado. Este processo tende a ser uma materialização da inserção deste grupo de uma forma distinta no esquema da matriz espetacularizada do esporte (DAMO, 2005) em busca de seu quinhão, na medida em que compreende suas ações como fundamentais na construção do espetáculo, assumem a necessidade de apoio logístico:

O que eu enxergo da Loucos hoje é que ela é um verdadeiro (...) Como é o carnaval na Sapucaí, só que o nosso carnaval é no Engenhão, no estádio de

⁴ A teoria das minorias ativas de Moscovici (2011) trata dos processos de influência entre maiorias e minorias numa sociedade. O autor defende que esta se trata de uma via de mão dupla na medida em que as minorias podem disparar processos de inovação e resistência quando adotam firme oposição à norma majoritária e congruência de práticas e representações em conflito aberto com a maioria.

futebol. E eu acho até que o poder público, eles tem que fazer alguma coisa no sentido de “onde é guardado todo esse material?”, entendeu? [Onde é] feita a festa das torcidas? Por exemplo, a escola de samba lá tem o... [pausa] A cidade do samba. Não precisa ser uma cidade do samba, pode ser um quitinetezinho, entendeu? Que são coisas que o torcedor... Por exemplo, você tem o seu time, quando você vai pro estádio você quer ver a bandeira do teu clube! (R, sexo masculino, jovem, torcedor LPB).

A associação das atividades torcedoras com festas populares hoje financiadas por grandes grupos e vendidas como produtos, como o carnaval do Rio de Janeiro, ganha face de uma tentativa efetiva de mudar as formas de significação do ser torcedor organizado, apostando em comportamentos que ao contrário de atrapalhar potencialmente a transmissão do espetáculo, cooperam para o sucesso do produto ao veicular a festa como parte do entretenimento. Se num momento anterior o objetivo era marcar diferenciação estabelecendo novas alcunhas para a organização, os esforços se devotam para transformar afetos e representações associados ao torcedor organizado, promovendo novas ancoragens, na medida em que assentam o sentido em outro terreno. Busca-se assim cooperar no processo de passagem do retrato das atividades dessas organizações nas páginas policiais às páginas de cultura nos jornais, investido como comportamento saudável e positivo.

Práticas consideradas marginais, como a capoeira e o samba viveram, ao longo do século XX, processos de resignificação semelhantes ao que está em jogo aqui. Essas expressões populares foram transformadas a partir de reconfigurações de seus limites, promovendo ancoragens e objetivações lastreadas nos valores em atuação num momento histórico (ENDERS, 2002). Embora o esforço de redimensionar as representações construídas em torno da atividade torcedora se coloque como um projeto, nas entrevistas aqui discutidas os membros entendem tratar-se de uma mudança em longo prazo, ressaltando seu protagonismo no processo de mudança.

Conclusões

Temos portanto, o surgimento de novos formatos de organizações, um esquema complexo que aponta para muitos lugares. A busca por inserir formas alternativas de enfrentamento da representação dura e hegemônica do ser torcedor organizado, compreendido como violento e arruaceiro, quer flexibilizar a construção de uma alteridade com a qual pouco se comunica, trazendo a multiplicidade de sentidos e o

fortalecimento de construções menos estereotipadas sobre os grupos sociais (ARRUDA, 1998). Ao mesmo tempo, essa atitude redesenha a função social delas, inserindo-as no esquema da matriz espetacularizada (DAMO, 2005) que cultiva posturas cada vez mais individualizadas, visando o controle e o cuidado dos presentes. O investimento no barateamento dos custos de transmissão pela via da inserção maciça dos patrocinadores no futebol e a correlata compreensão da ida aos jogos como um evento caro e perigoso reforça as práticas de individualização (GAFFNEY; MASCARENHAS, 2004). Além disso, os novos esquemas torcedores expressos pelos movimentos, como da LPB, são aparentemente baseados em resignificações de modelos anteriores, inserindo as organizações num campo de criação de alteridades hierarquicamente marcadas, convivência entre diferentes, resistências e concessões. A relação com os modelos tradicionais de torcidas organizadas é intensa e ambígua, e se intensifica no atual momento, em que muitas torcidas tradicionais deixam de poder frequentar o estádio normalmente por ações do ministério público movidas como punições para eventos de vandalismo e violência na cidade, bem como pedidos de dissolução dessas formas de organização. No ano de 2014, isso se colocou de forma incisiva, com o comando da multidão nos estádios nos dias de jogos ser articulado por esses novos modelos, e não pelas torcidas tradicionais que costumeiramente ocupavam esses lugares.

As torcidas de futebol são um dos últimos espaços em que é possível efetivamente ver movimentos de multidão se desenvolvendo atualmente, que conta também com as jornadas dos jovens brasileiros em junho de julho de 2013 e seus reflexos. Importante observar que tais fenômenos sociais proporcionam a emergência de outras configurações do sujeito, contribuindo para um deslocamento de si que reitera posturas criativas e de relação com a diferença num mundo que investe continuamente em práticas individualistas.

Assim, no campo da psicologia social se desenham questões que circulam na tentativa de fazer-se como grupo, estabelecendo limites entre coletivos e indivíduos, mergulhados numa dimensão social maior que os alimenta. A psicologia social comparece como instrumento para pensar as ambiguidades a que estão sujeitas essas organizações e seus membros, ao investir nas zonas de tensão que emergem de suas práticas.

No que tange à teoria das representações sociais, este texto buscou apresentar o movimento que o campo das organizações dedicadas ao torcer está submetido e as possíveis respostas que tece como resistências e concessões, marcando práticas que caminham em dois sentidos. A LBP, ao buscar estabelecer um corte para novas formas de atuação assume um lugar ambíguo pois ao mesmo tempo que deseja se inserir na matriz espetacularizada do esporte ao investir na institucionalização das práticas, assumindo formas de controle mais explícitas, orientadas para ações individualistas passíveis de ser patrocinadas e assim ganhar sua porção no que tange à circulação de capital no futebol, caminha do lado inverso também. Em última análise, esse comportamento poderia levar à extinção das torcidas e da presença no estádio como expressão da paixão e da participação no jogo, pois a compreensão de torcida como atividade de marketing proporcionaria a experiência de estádio à distância, pelo uso das tecnologias de transmissão cada vez mais sofisticadas. Por outro lado, a narrativa do limite de si que a presença no estádio investe no movimento inverso, na manifestação de uma paixão arrebatadora possibilitada pelos coletivos e provocadora do desejo de associação em coletivos. Este é um dos paradoxos dessas novas torcidas hoje: imperativo de crescer para aumentar a influência das suas práticas não tradicionais e os custos da adesão a práticas que combatem. É possível sugerir que as formas de crescimento apontam para uma resposta, mas somente elas encontrarão o caminho.

Referências bibliográficas

CURI, M et. al. Observatório do Torcedor: o estatuto. **Revista Brasileira De Ciências Do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 25-40, set. 2008.

DAMO, A. **Do dom à profissão**. Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

ENDERS, A. **A história do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Gryphus. 2002.

GAFFNEY, C. T; MASCARENHAS, G. O estádio de futebol como espaço disciplinar. **Seminário Internacional Michel Foucault – perspectivas**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

HOLLANDA, B. B. de. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988). Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

_____. Être supporter au Brésil et en France: apparition, diffusion et dynamique des groupes organisés de supporters de football. **Passages de Paris**. Édition Spéciale. p. 20-35, 2010. Disponível em: <http://www.apebfr.org/passagesdeparis/editione2010/>. Acesso em 22 set 2012.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCOSSIA, L. da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Psicologia das minorias ativas**. Petrópolis: Vozes, 2011.

TEIXEIRA, R. da C. **Os perigos da paixão**: visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Anablume, 2003.

_____. Torcidas jovens e novos movimentos de torcedores no Rio de Janeiro: sentidos atribuídos à paixão futebolística e às manifestações torcedoras. **I Simpósio de Estudos sobre Futebol**. Museu do Futebol, USP e PUC-SP, 10-14 de maio, 2010.

TRINDADE, I. **Entre a Fúria e a Loucura**: Análise de duas formas de torcer pelo Botafogo Futebol e Regatas. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010.